

## Coluccio Salutati: política e retórica na república de Florença

KARLA HENRIQUE LEANDRO\*

**Resumo:** O presente trabalho pretende analisar a articulação estabelecida entre política e retórica nas reflexões proferidas pelo chanceler Coluccio Salutati (1331-1406) em sua *“Invectiva in Antonium Luschum Vicentinum”*, que tinha como ponto nodal a defesa da liberdade da república florentina contra a “tirania” através dos ideais humanísticos que priorizavam a participação na vida política como projeto cívico de formação para o homem público.

A invectiva de Salutati contra Antonio Loschi - opositor dos ideais republicanos - é uma fiel representante do humanismo cívico e da base do sistema republicano florentino, em que o pensamento político-cultural suscitado respondia as inquietações da vida prática desses pensadores, cuja concepção do cidadão ativo repousava no cotexto conflituoso pelo qual a Itália estava passando em fins do século XIV. Nesse cenário a retórica aparece como um instrumento de defesa do regime republicano, de persuasão dos ouvintes a vestirem a roupagem do “homem bom” ciceroniano e lutarem para proteger a sua pátria, seu maior bem. Assim, trataremos tanto da influência de Cícero – célebre orador romano do século I a.c - nas concepções políticas de Coluccio Salutati, quanto das estratégias retóricas que este humanista utiliza para defender sua cidade contra os ideais tirânicos e as ofensivas da cidade de Milão.

**Palavras-chave:** Coluccio Salutati. Humanismo cívico. Política. Retórica.

Para tecer uma análise sobre a relação estabelecida entre política e retórica nas reflexões de Coluccio Salutati é imprescindível resaltar o contexto histórico no qual esse pensador florentino viveu, uma vez que sua teoria política esteve intrinsecamente conectada ao cenário da Florença dos séculos XIV-XV.

---

\* Instituição de origem: Universidade Federal Fluminense. Orientação: Dra. Fabrina Magalhães Pinto. Fomento: PIBIC/CNPQ. Grupo de estudos: *Retórica e Política no Humanismo Renascentista entre os séculos XIV e XVI: reflexões sobre os textos de Coluccio Salutati, Leonardo Bruni e Nicolau Maquiavel.*

Florença no século XIV era uma das cidades da Itália, que tinha como característica principal o seu envolvimento com os movimentos culturais e intelectuais, sendo grande parte da sua população formada por artesões e comerciantes. Essa cidade teve grande vulto, tanto que alcançou rapidamente o auge econômico, intelectual e cultura, mas contrariamente a todo esse esplendor, Florença como o restante das regiões do *Regnum Italicum* foi acompanhada por crises políticas no decorrer da sua história, crises essas que punham em risco a integridade da cidade. Tal fato pode ser constatado quer no conflito entre Florença e o papado - conflito que ficou conhecido como *Guerra dos oito santos* -, quer nas querelas travadas pelos artesões (Ciompi) e a elite econômica florentina, quer nas medidas expansionistas comandadas pelo senhor de Milão, ambos desencadeados no final do século XIV e início do XV.

Através desse panorama é possível perceber o quão conturbado era a realidade das cidades italianas, que ao mesmo tempo em tinham que defender sua soberania através do direito a liberdade e de autogoverno frente ao domínio do Sacro Império Romano Germano - que então controlava politicamente diversas regiões italianas-, também lutavam para afastar os inimigos externos e para conter as guerras civis, ou seja, a realidade política nesse período era extremamente conflituosa, e as cidades desejosas a manterem um regime governamental republicano, livre estavam constantemente ameaçadas, correndo o risco de perderem a sua estimada liberdade e terem que ficar sob o jugo de um tirano. Deste modo, devido às ameaças de guerra e ambição dos tiranos, os pensadores dessa época buscaram meios para solucionar as problemáticas que tanto os atormentava.

Nessa atmosfera de instabilidade nasce o humanismo cívico, movimento político-cultural que deu luz a uma verdadeira revolução do pensamento político vigente. Mas é necessário aludir que tal movimento tinha como enfoque atender a realidade social e política apresentada, pois em um momento em que a existência das cidades estava ameaçada pelos seus próprios cidadãos, era necessário mudar a concepção de homem, de comportamento, de vida, para que o ideal republicano fosse preservado.

Partindo dessa perspectiva os humanistas cívicos retornam ao passado Greco-romano, a Roma republicana, buscando nele fonte de inspiração meios para responder aos problemas da vida prática, isto é da vida política. Deste modo, a apropriação do passado ganha novos

contornos nas inquietações do cotidiano desses homens. Os humanistas tomam a língua, a maneira de escrever, os saberes e as concepções dos pensadores da antiguidade clássica, trazendo essas características para a formação de suas teorias políticas, a fim de atender as necessidades do seu tempo. Tal retorno à tradição romana estava em conúbio aos interesses da realidade vigente naquele período, tanto Newton Bignotto em sua obra “Origens do republicanismo moderno”, quanto Eusa de Souza em “Herança do humanismo civil renascentista na reflexão sobre histórica e política em Maquiavel”, afirmam que o humanismo cívico com seu ideal de educação para a formação do *vir bonus* não estava pautado apenas em um desejo de erudição, mas antes, estava calcado na busca de elementos que os ajudassem a resolver as problemáticas que assolavam as Cidades-Estados e a vida prática dos seus pensadores. Em suma, o retorno ao passado não estava regulado apenas por um viés erudito, mas também tinha reflexão na prática, principalmente nela, pois era ela que se desejava atingir.

*O humanismo não deixa de ser um movimento intelectual que tem como cenário uma Itália dividida. Contudo, não podemos deixar apreciar que foi um cenário, com tais características, que tornará possível que os humanistas não deixem de sonhar com o mesmo: a reconstrução de uma civilização, com bases em nas ruínas antigas recém- descobertas por eles. (SOUZA, 2010:35).*

Entre os pensadores clássicos utilizados por esse movimento, Marco Túlio Cícero (106-43 a.c) foi o que teve a presença mais notória, uma vez que, a política que era a tópica humanística foi o tema central das teorias desse romano. Os humanistas voltaram a Cícero com o objetivo de reconstruir na Itália as repúblicas da antiguidade. Por essa razão tomam o ideal ciceroniano de *vita activa*,<sup>1</sup> do homem voltado para os negócios da cidade, colocando em foco a vida associada, em que todos os cidadãos deveriam se imbricar nos negócios

---

<sup>1</sup> *Vita activa* é um termo cunhado pelo historiador Hans Baron para caracterizar o comportamento humano que seria esperado nas recém-formadas repúblicas italianas; ou seja, com ativa participação nas decisões políticas da cidade, na defesa da sua liberdade contra as investidas imperiais e na manutenção de seu auto-governo.

públicos. Nesse momento tira-se o foco do homem, da subjetividade, e colocam-se os holofotes no cidadão. Tal concepção foi uma das temáticas mais abordadas por Cícero e pode ser encontrada principalmente na sua obra “*De Officiis*”, obra na qual ele arrola os deveres que deveriam regular todas as ações humanas, afirmando que esses deveres visavam o bem estar coletivo, da pátria. Assim sendo, os homens poderiam ter as suas vidas alicerçadas fora dos negócios da política, mas esse não seria o melhor caminho a ser seguido, e os que se dedicassem aos negócios públicos seriam agraciados naturalmente com glória, fama e boa fortuna. O amor à pátria deveria por fim a dicotomia entre a vida privada e vida pública, entre vida ativa e vida contemplativa.

Tal perspectiva pode ser encontrada na abertura do discurso proferido por Coluccio Salutati em sua “*Invectiva in Antonium Luschum Vicentinum*”:

*Quem poderia suportar com paciência, tratando-se de algo de tanto interesse, que a pátria, a quem tudo devemos, seja difamada vergonhosamente por uma pessoa a quem nada importa. Gostaria de escutá-lo e compreender as razões das suas mentiras, entender as suas provas e seus argumentos. Se não estou enganado dar-lhes-ei o que merecem e farei com que não possam mais ofender com palavras aquela pátria que não puderam que, com a graça de Deus, não poderão jamais sobejar, nem mesmo com a potência da qual te vanglorias. Sendo cada cidadão um membro de cada cidade e de seu povo e não um estrangeiro, assumo a causa de minha pátria, aquela que cada um tem a obrigação de defender, e peço àqueles que lerão estas minhas coisas que me olhem de forma benigna, enquanto discuto pela verdade, pela justiça e pela pátria. (BIGNOTTO, 2001: 239)*

A partir da perspectiva de uma *vita activa* buscou-se a formação do homem completo, através de saberes que fossem úteis à vida política dos homens públicos. Para atender tal necessidade surge o *studia humanitatis*, projeto de educação cívica que trazia em seu bojo um conjunto de saberes, que segundo os humanistas seriam cruciais a vida civil. O *studia humanitatis* estava pautado no estudo de Gramática, História, Poesia, Retórica e Filosofia moral, e em meio a esses saberes a retórica era a disciplina que se destacava como sendo a mais importante para esse projeto educacional, uma vez que, num período em que não existia

a imprensa para proporcionar uma difusão mais rápida das notícias e que a tradição era a oral, o discurso político precisava ser incisivo, prático, rápido e convincente. O humanismo cívico retornando às concepções retóricas de Cícero que, postulava que apenas teriam a capacidade de bem falar os homens que tivessem vastos conhecimentos. Assim, em um momento que se buscava o homem ideal, completo para a vida pública, a revalorização da oratória com o surgimento das Cidades-Estados no norte da Itália, é concomitante ao novo status concedido à vida ativa e à necessidade dos oradores/chanceleres defendessem em seus panfletos políticos a liberdade e o autogoverno das cidades republicanas.

Que há de mais agradável para o espírito e para o ouvido do que um discurso ornado, embelezado pela sabedoria dos pensamentos e pela nobreza das expressões? Que há de mais poderoso, que há de mais magnífico do que poder um homem afetar os movimentos do povo, os escrúpulos dos juízes e a gravidade do Senado, por meio da oratória? (Cícero, *Da oratória*, I,VIII, 31)<sup>2</sup>

O cidadão ativo para bem governar precisaria unir a sabedoria e a eloquência, pois a teoria por si só não teria valor algum, como a prática sem sabedoria seria inútil, e partindo dessa perspectiva Cícero propõe a junção da filosofia com a retórica, pois uma completaria a outra, sendo ambas interdependentes. Tal tese é contrária aos primeiros escritos políticos da tradição platônica<sup>3</sup>, que enxergava a retórica como arte da adulação, em que não estariam os oradores preocupados com o conhecimento, mas apenas com a ornamentação do discurso, persuadindo mesmo que a preleção não fosse verdadeira. Assim Platão (428- 348 a.c) concluiu em *Górgias* que apenas os filósofos seriam bons governantes para as repúblicas e a

---

<sup>2</sup> Uma das declarações mais influentes de que o poder do orador estava justamente em aliar a razão à eloquência, talvez seja ainda a que é fornecida por Cícero nas primeiras páginas de seu *De oratore*, de 55 a.C, onde o autor romano procura recuperar o estudo das questões filosóficas, então restritas apenas aos sábios, para complementar o ofício do orador. Nesta obra está presente uma das afirmações mais decisivas e influentes dessa tradição: a de que o poder do orador está justamente em aliar a razão à eloquência, ou ainda, filosofia e retórica. Para o autor, “ninguém pode florescer e sobressair-se na eloquência, não só sem a doutrina do dizer (*doctrina*), mas ainda sem uma inteira sapiência (*sapientia*).” Cf.: CÍCERO, *De oratore (Da oratória)*, II, V.

<sup>3</sup> Platão foi um pensador que muito influenciou o pensamento de Marco Túlio Cícero.

filosofia seria o único discurso que estaria alicerçado na racionalidade, pois os filósofos opostamente aos oradores não eram complacentes com a emoção dos ouvintes, e o discurso filosófico não tinha o intuito de convencer ninguém, apenas de comunicar algo que o filósofo já possuía que era a verdade. Já Cícero valorizou a retórica, tirou dela o estigma de destruidora da pátria, mostrando que não bastava a um homem público e a cidade conhecimentos múltiplos, uma erudição exemplar, uma vez que para solucionar as problemáticas cidadinas eram necessários conhecimentos sobre a prática. Não bastava conhecê-la, mas vivenciá-la, ou seja, o homem ideal tanto ciceroniano, quanto humanista era aquele que promovia a fusão entre a teoria e a prática.

*Mas, nessa inclinação natural e honesta, é preciso evitar dois defeitos: um, dar por conhecidas as coisas desconhecidas, fazendo afirmação temerária; quem quiser evitar tal defeito, — e nós todos devemos querer, — dará ao exame de cada coisa o tempo e o cuidado necessários.*

*Outro, defeito consiste em por muito ardor e muito estudo nas coisas obscuras, difíceis e desnecessárias. Êsses dois defeitos, se evitados, só merecem louvores pela aplicação e trabalho que consagramos às coisas honestas e, ao mesmo tempo, úteis.” (Cícero, 1999: 33).*

Se no pensamento Medieval, os professores de retórica ao abordarem textos como os de Quintiliano, Marco Túlio Cícero, entre outros, puseram em letargia os aspectos cívicos contidos nesses clássicos, mesmo quando utilizados nos meandros das discussões políticas principescas e das cidades, o teor político/retórico teve um limite. No humanismo cívico com o reverberar das concepções ciceronianas de uma vida ativa, é creditado a retórica o sinônimo de ação, de comprometimento com as causas civis, e era isso que se queria nesse momento, formar cidadãos ativos, voltados para os negócios da cidade, que a defendesse. Em suma, a retórica humanística representou um instrumento que além de ter a capacidade de defender as cidades das ameaças sofridas, e persuadir os indivíduos, também tinha a função de através de a oratória proferir um pensamento político, ético-moral e cultural de uma vida ativa contra a contemplativa, transformando as estruturas do pensamento político em voga.

Esses ideais humanísticos podem ser encontrados em uma das cartas escritas pelo então chanceler florentino Coluccio Salutati, intitulada “*Invectiva in Antonium Luschum Vicentinum*”, de 1399. Esta carta foi escrita como resposta ao panfleto “*Invectiva in florentinos*”<sup>4</sup>, escrito por Antonio Loschi - então chanceler de Milão - que atacava através da retórica os ideais republicanos de Florença, em defesa da política expansionista de Milão. Essa fonte é uma verdadeira representante do humanismo cívico, pois nela são encontrados os fundamentos de tal movimento, cuja imagem do cidadão ativo, que faz a utilização política, da retórica, que promove a junção da sabedoria e da eloquência, que retorna aos clássicos Greco-romanos para defesa de sua pátria contra as emprestadas tirânicas são exaltados a cada linha pela figura do chanceler - Coluccio Salutati.

Podemos perceber que a retórica como projeto cívico, para a formação do “homem bom” ciceroniano estava sendo empregada por Salutati para a manutenção da liberdade deste sistema de governo que estava sendo ameaçado pelas investidas de um governo tirânico<sup>5</sup>, para a persuasão de seus ouvintes da necessidade urgente de sua defesa e para exaltação de regime como o mais belo. Assim, ao iniciar a sua argumentação, antes de deter sua atenção à *invectiva florentina*, Salutati assume a posição do cidadão ativo, defensor da sua pátria dos valores dessa. Nesse contexto em que a Itália estava sendo ameaçada por Milão, tendo o duque já enviado o panfleto, que percorreu por toda a Itália, difamando Florença, e legitimando o ataque a essa Cidade-Estado italiana, afirmando no final das suas argumentações que estava preparando o exército para invadir essa “indigna” cidade. Nesse cenário Salutati precisava ser persuasivo, demonstrar que os argumentos do seu inimigo eram falhos, que estavam calcados na ira, nas “feras incontáveis” da paixão e muito mais que isso, era preciso exaltar as qualidades florentinas, demonstrando ser a liberdade a mais bela de todas - opostamente as características da Milão do seu opositor.

E para tal façanha Coluccio Salutati retorna a retórica da tradição romana, utiliza os procedimentos tipicamente retóricos de contraste e oposição a fim de desqualificar o

---

<sup>5</sup> A palavra tirânico esta aqui sendo empregada de acordo com a concepção de tirania que se tinha na época.

argumento do seu opositor. Deste modo, o chanceler florentino apresenta cada um dos argumentos proferidos pelo seu opositor e debruça sobre eles apresentando contra-argumentos que desvalorizavam os argumentos do duque milanês.

Entre as acusações proferidas contra a Florença pelo seu oponente, estão a de: destruidora da pátria; inimiga da Igreja, de Deus, do Império e dos homens italianos; defensora de uma liberdade torpe e de falsa por se afirmar como herdeira de Roma.

Vicenza em seu escrito teria acusado os florentinos de destruidores da pátria e da paz Italiana, sendo tais atitudes tão cruéis e subversivas que não existiria no código penal uma pena digna pela qual Florença pudesse ser punida, e que apenas a ruína dessa comuna serviria como um exemplo justo para os atos desprezíveis cometidos por essa. E devido a tanta crueldade em seus atos os florentinos teriam sido odiados por Deus, pelos homens e pela Igreja. Analisando o argumento do duque, Coluccio Salutati o acusa de ter sido tomado pela ira e pela paixão, ou seja, pelas “feras incontroláveis”, que faziam com que os homens perdessem a racionalidade, que seria a principal característica humana - (Cícero, “*De Officiis*”), ao ponto de chegar à bestialidade, que é um aspecto típico dos animais. Assim Salutati questiona ao seu inimigo, qual era o papel que ele estava assumindo, na sua invectiva contra a Florença, se era a de testemunha, ou de acusador, pois se o papel era o de acusador, ele não poderia demonstra a culpa do acusado sem provas, e deste modo, o florentino desvaloriza o argumento do duque de Milão afirmando que dúvidas deveriam ser levantadas contra a um homem que tivera sido tomado pela cegueira das feras incontroláveis, pela ignorância, e pelo esquecimento dos pensadores clássicos.<sup>6</sup>

*Mas, o que é, sobretudo, próprio do homem, é a procura da verdade. Assim, logo que nos livrarmos de cuidados e negócios, desejamos ver, entender, aprender qualquer coisa; pensamos que o conhecimento dos segredos ou maravilhas da natureza é indispensável à felicidade; procuramos ver o que é verdadeiro, simples e puro, e conveniente à natureza do homem. Nesse amor à*

---

<sup>6</sup> Devido à formação humanística de Coluccio Salutati, que enxergava o retorno ao passado como “guia” para bem governar, a não utilização desses clássicos como meio de conhecimento, de agir na vida política por Antonio Loschi nas acusações levantadas a Florença, era mal quista por Salutati, uma vez que seu opositor não utilizou o princípio da verdade (prova) princípio que era tão caro a teoria ciceroniana.

*verdade encontramos certa aspiração de independência, fazendo o homem bem nascido não desejar obedecer a ninguém, senão àquele que o instrui, e o dirige, no interesse comum, de acordo com a justiça e as leis; daí nasce a grandeza d'alma e o desprezo das coisas humanas. (CÍCERO, 1999:31).*

E tomando o argumento de Loschi, de que os florentinos seriam destruidores da pátria, o chanceler florentino inverte a situação, dizendo que tal adjetivo deveria ser destinado ao seu opositor, uma vez que Vêneto, Liguria, e Falmínia estavam submetidas ao poder do senhor de Milão, ao qual o duque servia. Em uma estratégia retórica, Coluccio Salutati torna o argumento do seu opositor como falho, uma vez que estava alicerçado em bases frágeis.

Ainda acusando Florença de ser odiada por toda a Itália Antonio Loschi de Vicenza traz à tona a desavença ocorrida entre os florentinos e a Igreja católica em 1375, e os acusam de terem conspirado para derrubar a Santa Madre Igreja. Tal acusação tinha um significado extremamente impactante, uma vez que, a Igreja católica nesse período era uma das- ou a- instituições (ão) de maior poder e prestígio por representar o símbolo do caminho para o mundo celeste na terra, em uma época em que o pensamento religioso estava fortemente arraigado na cultura dessa sociedade. Deste modo, ser inimiga da Igreja, era consequentemente afirmar que os florentinos eram inimigos de Deus. Assim Loschi diz:

“Creiam-me, celerados, a Divindade sai a campo contra vós, tem sede de vosso sangue criminoso e deseja a ruína desse povo celerado e pérfido?” (BIGNOTTO. P: 248).

Tal acusação poderia levar Florença à destruição, e para sair dessa difícil situação, Salutati mais uma vez recorre aos recursos retóricos, invertendo o argumento do seu adversário contra ele mesmo. Assim, invoca o passado, e traz a lembrança de que este mesmo duque outrora tivera apoiado Ludovico o “Bavaro”, a tomar o Império, e mesmo tendo sido a Igreja contra este ato, Loschi teria apoiado Ludovico, indo contra as normas e a vontade da Santa Madre Igreja. E contrapondo ao argumento Vicenza, que apresentava os florentinos

como sujeitos que abominavam o Deus cristão, o chanceler florentino, faz elogios a esse, eleva a sua figura a do ser mais poderoso, paciente, compreensivo e benevolente de todo o mundo. Coluccio Salutati ainda faz questionamentos ao argumento do seu oponente, indagando se Deus era o ser mais poderoso, que tinha o poder de decisão sobre todas as coisas, e se tanto odiava os florentinos, por que ele não os destruiu? Essa argumentação de Salutati ao mesmo tempo em que retrucava a argumentação do Antonio Luschi, afirmava que essa não estava centrada na verdade e que demonstrando que o duque não utilizava o princípio da verdade, uma vez que trabalhava com acusações irreais. Segundo Coluccio não haveria comprovação possível para o discurso de Luschi.

*Ó homem admirável, no início de teu discurso exprimiste desejos; logo após, como um profeta, prediz o futuro; agora te metes a "sondar rins e corações" ( Salmo VII,10), que é tarefa apenas de Deus. Não somente reporta os sentimentos dos homens, mas quase conhece os arcanos de mente divina... (BIGNOTTO, 2001: 247).*

O chanceler florentino continua a desvalorizar os argumentos do duque de Milão. Assim, Coluccio Salutati questiona:

*Quem além de ti, ferocíssima besta, poderia afirmar que a Justiça divina não pode mais nos suportar? A justiça divina que é misericordiosa, que suporta o diabo, os idólatras, os inimigos de seu nome, e todos os outros pecadores, não pode mais suportar-nos? Mas diga-me, uma vez que em Deus o querer e o são a única coisa, Deus não pode porque não quer, ou não quer porque não pode? (BIGNOTTO, 2001: 248).*

Antonio Loschi ao analisar a liberdade florentina associou esta a escravidão e a desonestidade. Para desconstruir tal argumento, o humanista florentino retorna a tradição Greco-romana<sup>7</sup> e a concepção Santo Agostinho de livre arbítrio para legitimar que os florentinos defendiam leis pelas quais todos seriam iguais, sendo que em toda Itália não existiria liberdade mais plena e bela do que a florentina. De fato, associa a sua imagem política a de defensora da liberdade, liberdade essa que seria legitimada

---

<sup>7</sup>Para reafirmar o princípio da liberdade Salutati retorna aos historiadores clássicos de Roma.

por Deus, pela tradição romana, busca as origens do passado florentino, associando esse ao da Roma republicana, ou seja, a liberdade estaria assegurada pelo único poder celeste, por aquele detém o poder sobre todas as coisas do mundo, e pelo modelo de governo no qual a liberdade foi reinante. Assim, a liberdade seria um bem natural, assegurado por Deus, que deu ao homem o livre arbítrio, e se fora dado aos homens o direito de decidir sobre a sua vida, sobre os caminhos a seguir, nenhum indivíduo poderia ir contra a essa lei natural, e por leis romanas, sendo essa liberdade um bem da nação, daqueles que tinham o sangue romano nas veias. Deste modo, ser florentino significa ser livre, e como a liberdade era o presente mais precioso dado por Deus e conservado pelos romanos, se por um acaso essa identidade republicana fosse perdida, ela deveria ser reencontrada, pois esse seria o caminho natural, do qual só abriria mão aqueles que desejassem a escravidão.

*Todos os florentinos têm no ânimo o firme propósito de defendê-la como a própria vida, mais ainda do que com a vida, com as riquezas e com a espada, para deixar aos filhos essa ótima herança, que recebemos de nossos pais, para deixá-la, com a ajuda de Deus, saudável e incontaminada. (BIGNOTTO, 2001: 242)*

Coluccio Salutati afirma que só aqueles que foram submetidos durante um longo tempo a um senhor, não teriam a capacidade de apreciar a mais pura liberdade, por não conseguiriam sobreviver fora do jugo do tirano, sendo assim, a ótica do duque sobre a liberdade estaria intimamente ligado a sua submissão ao regime governamental tirânico, e através desse argumento Salutati põem em dúvida todo o arcabouço argumentativo do ofensor da república de florentina, além de contrapor todas as inculpações sofridas pelos cidadãos florentinos. Destarte o chanceler florentino conclui:

*Obedecer às leis, que a todos contemplam com justa medida da igualdade, é para ti um jugo pesado e uma escravidão horrível.*

*Obedecer, ao contrário, ao tirano, que tudo regula segundo seu próprio arbítrio, é para ti uma suprema liberdade e uma inestimável dignidade. (BIGNOTTO, 2001: 251).*

Em suma é possível compreender as bases do sistema republicano florentino, bem como o desenvolvimento do humanismo cívico – que tinha como um dos seus pressupostos centrais a participação direta do homem no mundo político, tal como postulado pelo orador romano Cícero, em obras como o *Dos Deveres* e *Da Oratoria* – e, ainda, a recuperação das técnicas retóricas oriundas da Antiguidade Clássica como base para a defesa das repúblicas italianas formadas já a partir do século XII, como ressaltam os estudos de Hans Baron, Quentin Skinner, Eugenio Garin, Newton Bignotto, entre tantos outros. Assim, a disputa retórica não poderia estar pautada apenas na vaidade, ou ainda no bel prazer erudito na vitória de um debate político – como criticava Platão, por exemplo, em obras como *Górgias* -, sua significação era maior, pois a retórica era utilizada nesse contexto como uma ferramenta de defesa da sua cidade, como arma política contra a tirania (ou seja, o governo de um só, em vez do governo de muitos) e a perda da liberdade política em um momento em que querelas internas e externas assolavam o solo Italiano.

Para analistas como Hans Baron (em *A crise do Renascimento italiano*, de 1955), e Newton Bignotto (em *Origens do Republicanismo Moderno*, de 2001), o retorno de chanceleres republicanos como Salutati (cuja formação era já humanística) às fontes clássicas, aos valores cívicos e a retórica de base, sobretudo, ciceroniana, representaria uma clara ruptura com o pensamento medieval. Segundo eles, o significado político dos escritos de homens como Salutati, Leonardo Bruni, entre outros teriam uma relevância inestimável para o pensamento republicano dos séculos XIV-XVI. É neste sentido que a carta de Salutati: “*Invectiva in Antonium Luschum Vicentinum*”, deve ser percebida, pois se acredita que surge aí com os humanistas italianos uma nova teoria sobre a vida pública aliada a uma nova forma de se enxergar a cidade e o próprio homem, posto que mais consciente de seu papel no mundo, o valor tradicionalmente atribuído à contemplação fora abandonado.

Deste modo, através da invectiva de Coluccio Salutati é possível perceber o quão importante à retórica se fez no humanismo cívico renascentista, cujo neste contexto político a

retórica não foi apenas a arte da persuasão pelo discurso, mas a forma mesma do discurso político.

### Referencias bibliográficas:

- ADVERSE, Helton. **“cap 3: Política e retórica no humanismo do Renascimento”**. In: **Maquiavel. Política e retórica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

- BARON, Hans. 1955. **The crisis of the early Italian Renaissance: civic humanism and republican liberty in an age of classicism and tyranny**. Princeton, NJ: Princeton University Press.

- BIGNOTTO, Newton. **Origens do Republicanismo Moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. **Maquiavel**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

- BRUNI, Leonardo. “Diálogo para Pier Paolo Vergerio” In: BIGNOTTO, N. **Origens do republicanismo moderno**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

- CÍCERO, Marco Túlio. **Dos Deveres (De Officiis)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_ **De Oratore**. Cambridge and London: Cambridge University Press, 2001.
- GARIN, Eugenio. **Ciência e Vida Civil no Renascimento Italiano**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Unesp, 1996.
- MACHIAVEL, N. **O Príncipe**. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PLATÃO. **Górgias**. In. *Diálogos*, vol III-IV. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.
- \_\_\_\_\_ **Fedro**. Lisboa: Edições 70, sd.
- PINTO, Fabrina Magalhães. **O Discurso Humanista de Erasmo: uma retórica da interioridade**. Tese de Doutorado, Departamento de História Social da Cultura. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC, 2006.
- POCOCK, J. G. A. **Le Moment Machiavélien. La Pensée Politique Florentine et la Tradition Républicaine Atlantique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- SALUTATI, Coluccio. “Inventiva contra Antonio Loschi de Vicenza” In: BIGNOTO, N. **Origens do Republicanismo Moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

-SOUZA, E. R.. **A herança do Humanismo Civil Renascentista na reflexão sobre História e Política em Maquiavel.** Fortaleza: UECE. 2010. 121 p. Tese (Mestrado Acadêmico em Filosofia).